

Na vida escolar, expectativas e contraste com o presente

Na Passarela, jovens pensam no trabalho

Elas ainda eram meninas quando inauguraram o Ciep da Passarela do Samba, em 1985, um lugar bastante diferente de uma escola convencional para as irmãs Ilmara e Renata Delfino Moço, na época com 8 e 7 anos, e para a prima Arlete Cristina de Moura Moço, de 9 anos. Hoje, quando as duas primeiras estão completando a 6ª série e Arlete se prepara para deixar o horário integral de ensino, as três têm certeza que seus pais acertaram na escolha da escola.

— Às vezes, estudar o tempo integral atrapalha um pouco porque a gente quer fazer outros cursos. Mas acho que nosso aproveitamento fez valer à pena — conta Arlete, que tem certeza de que passará no concurso para a Escola Estadual Prado Júnior, na Praça da Bandeira. Mesmo pretendendo ocupar o tempo com outras atividades, Arlete acha que sentirá saudades dos colegas de aula e do próprio Ciep.

— Nem todos continuam estudando na turma. Tenho um colega, por exemplo, que saiu no ano passado porque precisava trabalhar. Acho que ele se foi para uma escola noturna.

As três acreditam que o Programa Especial de Educação é melhor do que a escola convencional e que o próprio ambiente escolar é muito bom. Tranquilas sobre o futuro, elas não

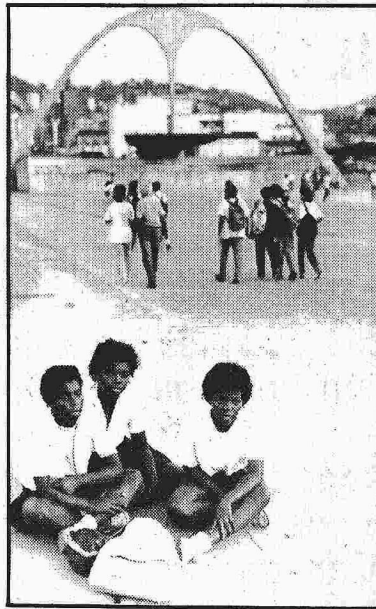
guardam ilusões, no entanto, de que as portas do mercado de trabalho estarão mais abertas para elas do que para o resto da rede regular de ensino e, apesar de adorarem artes plásticas e cênicas, pretendem fazer de imediato cursos técnicos que lhes garantam empregos no mercado de trabalho.

— Eu adoraria seguir Desenho. Gosto de desenhar e venho sempre aos sábados para as aulas de artes plásticas, mesmo não sendo obrigatório. Mas pretendo fazer um curso técnico de contabilidade e depois a faculdade — explica Renata que, segundo a irmã e a prima, desenha muito bem. Arlete pretende estudar datilografia, para já garantir condições de enfrentar a disputa por uma vaga de secretária.



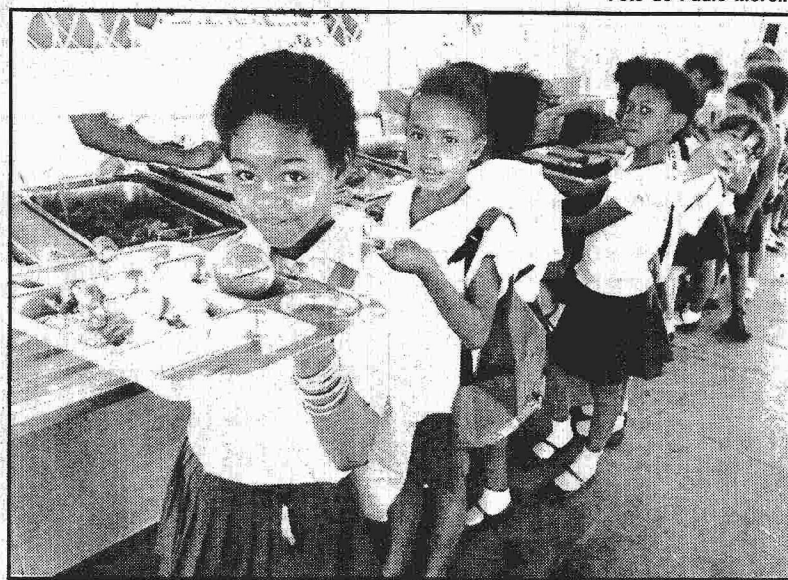
A 'mãe social' penteia Jeferson, de 9 anos, residente do Tancredo Neves

Foto de Paulo Moreira



As irmãs Ilmara e Renata e Arlete

Foto de Paulo Moreira



Euríene, de 7 anos, é a primeira na fila do bandeirão do Gustavo Capanema

Foto de Paulo Moreira

Estudantes da Maré não têm o banho diário

Euríene Almeida da Silva, de 7 anos, aluna do Curso de Alfabetização (CA), gosta muito da comida servida no Ciep Gustavo Capanema, na Maré. Todos os dias, ela corre para ocupar o primeiro lugar na fila à porta do bandeirão, na hora do almoço, e garante que sempre come tudo que as cozinheiras põem em sua bandeja.

Euríene nunca atende aos insistentes pedidos de seus colegas para trocar sua laranja por mais um bife ou uma coxa de galinha e algumas vezes, dependendo da boa vontade das

merendeiras, ainda consegue repetir o prato.

Euríene e seu colega Elias Ferreira Damasceno gostam muito de estudar no Ciep Gustavo Capanema. Queixam-se apenas que só podem tomar banho, antes de voltar para casa, nos dias em que há aulas de Educação Física. A direção da escola explica que, se todas as 600 crianças que lá estudam tomassem banho todos os dias, como estabelece o projeto original dos Cieps, haveria sempre enormes filas nos banheiros.

Os professores do Ciep Gustavo Capanema lembram que a situação era pior no ano passado. O Ciep chegou a ficar seis meses sem água, por causa de um problema nas fundações do prédio, que estão afundando e quebrando as tubulações.

Rua é o lar de residentes nos fins de semana

Rodrigo Mathias Barbosa, de 9 anos, é um dos poucos alunos residentes do projeto dos Cieps. Ele estuda no Tancredo Neves, no Catete, e divide a residência com 23 crianças. Além dos "pais sociais", ele tem televisão, aparelho de som e até jogos eletrônicos. Mas na sexta-feira, ele reencontra a mãe, a ambulante Marinete Mathias Barbosa, voltando à sua dura realidade: o chão do Largo da Carioca, onde dormem agasalhados por plásticos.

— A gente tem casa em Santa Cruz, mas não dá para ficar indo e voltando. O transporte é caro e a mamãe precisa vender. Então dormimos na rua para ela trabalhar no dia seguinte — conta Rodrigo.

Seus colegas, os irmãos Jeferson Fernando, de 9 anos, e Bruno Luiz da Cruz, de 7, também sabem o que é dormir na rua.

— Eu fico com uma amiga da minha mãe. Meu irmão Bruno fica na Praia do Flamengo com a mamãe. Quando chega sexta-feira, Bruno não quer ir embora — conta Jeferson.

Outro residente do Ciep do Catete, é o menino de rua Elias da Silva Nascimento, que foi adotado simbolicamente pelo Governador Leonel Brizola em sua posse. O Governo estuda a hipótese de estender a moradia dos residentes aos fins de semana. Elias, como seus colegas de residência, tem excelente aproveitamento escolar.